

PREFÁCIO

Este livro é um labirinto com 22 entradas e nenhuma saída. Cada entrada introduz uma narrativa ou uma reflexão que o leitor acompanha passando de um texto para outro de acordo com a indicação do símbolo ► seguido do número da secção em que o texto continua. Assim, deve passar da entrada 1 ► para a secção 166 e continuar, número por número, até à 173, em que uma nova seta o remete para a entrada 2.

No caso de se perder, pode sempre recuperar o fio recorrendo ao índice da página 431.

Para se deslocar no tempo, é preciso que se desloque também no livro, muitas vezes avançando, mas também, ocasionalmente, recuando. Em qualquer ponto do livro em que se encontre, está sempre rodeado de acontecimentos e pensamentos coevos, que pertencem a narrativas diferentes daquela que o leitor segue no momento. É essa a ideia. Desta forma, o texto revela-se como aquilo que é: um entre muitos caminhos possíveis através do caos da História.

Bem-vindo, pois, ao labirinto! Siga as setas, reconstitua este terrível *puzzle* e, depois de ver o meu século, construa, com a ajuda de outras peças, o seu.

1

PUM, ESTÁS MORTO!

– Pum, estás morto! – dizíamos nós. – Pum, matei-te – dizíamos sempre isto. Brincávamos às guerras. Muitos em grupo, ou dois a dois, ou nos nossos sonhos solitários, era sempre guerra, sempre morte.

– Não brinquem dessa maneira – diziam os pais. – Podem ficar assim para sempre.

Grande perigo! O que nós mais queríamos era mesmo ser assim. Não precisávamos de brinquedos bélicos. Qualquer pau se transformava numa arma nas nossas mãos, e as pinhas eram bombas. Não me lembro de ter feito uma única vez chichi em criança, fosse ao ar livre ou na retrete, sem escolher um alvo, apontar para ele e o bombardear. Aos cinco anos já era um perito em bombardeamento.

– Se todos brincarem assim – dizia a minha mãe –, vai haver uma guerra.

E tinha razão. Houve mesmo.

► 166

2

NO INÍCIO ERA A BOMBA

No início era a bomba. Consistia num tubo – por exemplo, uma cana de bambu, material de que os chineses dispunham em abundância – recheado com uma substância explosiva, como a pólvora, que os chineses já conheciam desde o século IX. Obstruindo as duas extremidades do tubo, obtinha-se uma bomba.

Quando uma das extremidades era aberta, o tubo era propulsionado pela explosão. A bomba transformou-se em foguete. Este foi rapidamente desenvolvido, tendo sido criado o foguete de dois estágios, um foguete maior que, depois de lançado, descarregava uma chuva de foguetes pequenos sobre o inimigo. Os chineses utilizaram esta arma na defesa de Kaifeng, em 1232. Depois, o foguete chegou à Europa, através dos árabes e dos indianos, por volta de 1250, mas seguidamente foi esquecido, até os ingleses o redescobrirem, na transição para o século XIX.

Abriu-se a extremidade dianteira, e a bomba transformou-se em espingarda e em canhão. A explosão lançava o material que tivesse sido introduzido no tubo, como uma bala ou outra bomba mais pequena, chamada granada. Tanto a espingarda como o canhão já estavam plenamente desenvolvidos na China em 1280 e entraram na Europa trinta anos depois.

► 24

3

HISTÓRIA DO FUTURO, 1880-1910

Bom dia! Chamo-me Meister. Professor Meister. Ensino a história do futuro com base no livro *Three Hundred Years Hence*, de William D. Hay. Quando esta obra foi publicada, em 1881, a minha época estava já trezentos anos à frente da do leitor. Hoje, a sociedade da Humanidade Unida, em que eu vivo, está muito mais próxima de si. Contudo, a minha posição, enquanto narrador, permanece inalterada. Falo do vosso futuro, que para mim pertence à história. Sei o que vos vai acontecer, porque, para mim, já aconteceu.

► 46

4

A MORTE CHEGA DO AR

A primeira bomba lançada do ar explodiu num oásis nos arredores de Trípoli, no dia 1 de Novembro de 1911.

«Italianos lançam bombas de avião», titulava o jornal sueco *Dagens Nyheter* no dia seguinte. «Um dos aviadores conseguiu, com bom resultado, lançar do ar algumas bombas sobre o acampamento do inimigo.»

Coube ao tenente Giulio Gavotti debruçar-se do *cockpit* do seu monoplano, esbelto como uma libélula, e lançar a bomba — uma granada de fabrico dinamarquês, da marca *Haasen* — sobre o oásis Tagiura, perto de Trípoli, no Norte de África. Momentos depois, atacou o oásis Ain Zara. No total, foram lançadas, nesse primeiro ataque, quatro bombas, que pesavam, cada uma, dois quilos.

► 76

5

O QUE SE PODE FAZER NA GUERRA

As leis da guerra respondem, desde sempre, a duas perguntas. Quando é legítimo travar uma guerra? O que é legítimo fazer num contexto de guerra?

As leis da guerra dão, desde sempre, duas respostas distintas a estas perguntas, dependendo do adversário. São leis que protegem adversários com igual estatuto, da mesma raça, classe e cultura. Contudo, deixam sem protecção todos os que não cumprem esses critérios.

Quando se pode travar uma guerra contra selvagens e bárbaros? Resposta: sempre. Que podemos fazer num contexto de guerra contra selvagens e bárbaros? Resposta: tudo.

► 26

6

OS SELVAGENS SÃO BOMBARDEADOS

Numa ilustração do livro *Robur, o Conquistador* (1886), de Júlio Verne, a aeronave desliza majestosamente sobre a capital da Europa, Paris. Os seus enormes holofotes iluminam as águas do Sena, os cais, as pontes e as fachadas dos edifícios. Atónitas, mas seguras, as pessoas olham para o céu, surpreendidas com a visão invulgar, mas sem medo, sem necessidade de procurar abrigo.

Na ilustração seguinte, a aeronave desliza, igualmente majestosa e inacessível, sobre África. Mas aqui não se contenta em iluminar. Aqui, o engenheiro intervém nos acontecimentos no solo. Com as inquestionadas competências de policiamento dos civilizados sobre os selvagens, o engenheiro põe termo a um crime que ocorria no momento. As armas da aeronave entram em jogo, e chove morte e destruição sobre os criminosos negros que, uivando de medo, tentam fugir ao fogo assassino.

► 74

7

OS BOMBARDEADOS TORNAM-SE SELVAGENS

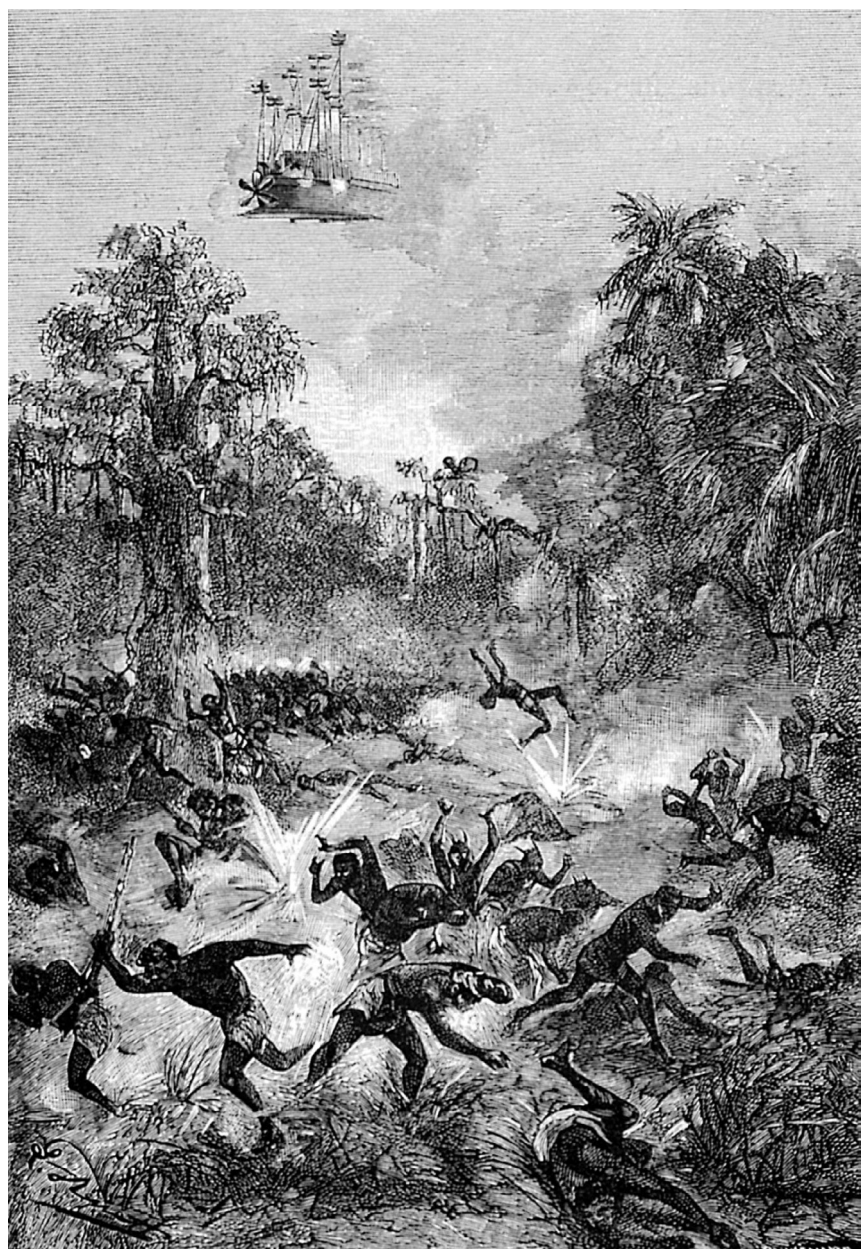
HISTÓRIA DO FUTURO (2)

Jeremy Tuft é um homem de meia-idade, bem protegido, de classe média, incapaz de viver sem os seus privilégios. No romance futurista *People of the Ruins* (1920), de Edward Shanks, a Londres de Jeremy é bombardeada e gaseada. Quando, após cento e cinquenta anos, Jeremy Tuft acorda, miraculosamente, encontra-se numa nova Idade Média. Os ingleses transformaram-se em selvagens que vivem dos restos de uma civilização para eles incompreensível.

O romance aborda um tema novo. Foi justamente em 1920, o ano em que os ingleses bombardearam o *Mulá Louco* na



O engenheiro Robur ilumina os parisienses...



... e bombardeia os selvagens.

Somalilândia Britânica, dando início aos bombardeamentos sistemáticos dos bárbaros e selvagens do período entregueras, que se publicou em Inglaterra o primeiro de uma longa série de romances que apresentam o país retornado ao estado de barbárie, após ter sido intensamente bombardeado e os ingleses se terem tornado selvagens. ► 109

8

A LEI E OS PROFETAS

A Primeira Guerra Mundial deixou dez milhões de mortos e vinte milhões de feridos. Tratou-se de um crime contra a Humanidade? Ou é perfeitamente aceitável, desde que os mortos e os feridos sejam jovens armados?

Um número desconhecido de crianças e velhos morreu de fome e de doenças em consequência do bloqueio naval britânico contra a Alemanha. Tratou-se de um crime contra a Humanidade? Ou é perfeitamente aceitável, dado que os ingleses não eram responsáveis pelo facto de os alemães mandarem os poucos recursos alimentares que ainda existiam para a frente de combate, deixando as crianças e os idosos morrerem de fome?

A matança na frente de combate já era, no momento em que decorria, obviamente absurda. A guerra não avançava, atolara-se, e os militares procuravam desesperadamente uma forma nova e mais flexível de a conduzir. A aviação parecia oferecer a solução evidente. Os bombardeamentos dirigidos contra a população civil obrigariam a decisões rápidas e vitórias definitivas.

Porém, o «atalho colonial» era proibido na Europa. Aqui, poupar vidas de soldados bombardeando mulheres, crianças e velhos era considerado um crime contra a Humanidade.